



AVESSO VIÉS

SIM GALERIA SÃO PAULO

AVESSO VIÉS

ANDRÉ AZEVEDO
DANIEL ALBUQUERQUE
DANIEL SENISE
FRANK AMMERLAAN
JANINA MCQUOID
JARBAS LOPES

JESSICA MEIN
LUCIO FONTANA
MARINA WEFFORT
NELSON LEIRNER
TONICO LEMOS AUAD
YULI YAMAGATA

CURADORIA
PAULO MIYADA

ABERTURA
SÁBADO, 09 DE JUNHO ÀS 11H
09 JUNHO A 21 JULHO 2018

OPENING
SATURDAY, JUNE 09, 11 AM
JUNE 09 - JULY 21 2018

SIM GALERIA

SÃO PAULO
RUA SARANDI, 113 A
01414-010 | SÃO PAULO | BRASIL
INFO@SIMGALERIA.COM
SIMGALERIA.COM



AVESSO VIÉS

Vai além do acaso a profusão de alegorias, mitos e metáforas que entremeiam a tessitura e a percepção da passagem do tempo. A relação entre o trabalho da trama e urdidura com analogias para a contagem do tempo é intrínseca à própria história. As civilizações tiveram na criação da tecelagem um passo importante para o amadurecimento de seu entendimento da duração como articulação entre, de um lado, unidades constantes de tempo (a trama) e, do outro, os vetores descontínuos dos acontecimentos (a urdidura).

A força dessa ancestral relação simbólica entre tessitura e temporalidade é tal que segue vigente até hoje, após tantas transformações técnicas e tecnológicas. O que torna essa ideia mais complexa, porém, é a relação que a sociedade contemporânea tem com a própria noção de duração. Temos sérias questões com a passagem do tempo: ela angustia gerações viciadas pela gratificação instantânea (alcançada pelo consumo e pela aprovação social). A extensão do tempo tornou-se tão problemática que não pode sequer ser deixada de lado como uma preocupação secundária.

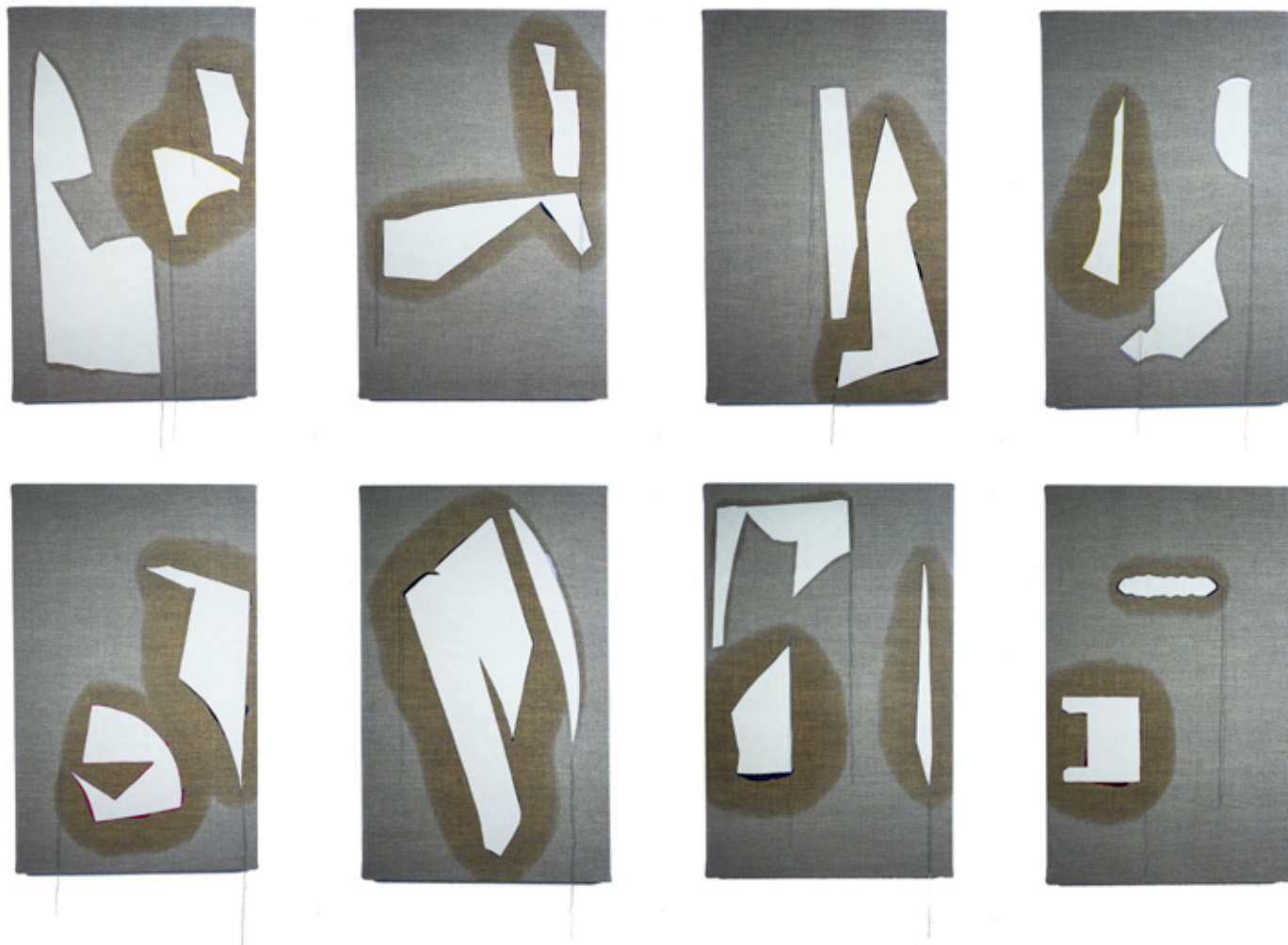
Artistas que lidam hoje com o têxtil em suas mais diversas possibilidades têm em mãos, portanto, uma matéria cuja substância, o tempo, é tanto fonte de fascínio quanto de estranhamento. Para esta exposição, foram escolhidos artistas que abarcam uma gama de materiais flexíveis, naturais ou sintéticos, e impõem sobre eles gestos de atualização abrupta de sua presença como objeto e como signo: cortar, manchar, torcer, desfiar, esgarçar, virar do avesso. Como descobriu Lúcio Fontana ao atacar a superfície de sua pintura, basta um rasgo para que a substância deixe de ser apenas suporte para então afirmar sua espessura, ainda que ínfima. Como qualquer costureiro ou costureira sabem, basta fazer um corte oblíquo na trama ortogonal de um tecido para interromper sua regularidade, produzindo uma peça de tecido chamada em português de “viés” – ou seja, uma mesma matéria resultante da extensão da tessitura pode ter suas propriedades a tal ponto transformadas por um simples corte diagonal que vale a pena renomeá-la. Basta, portanto, um gesto para que uma duração extensa se transforme em um instante presente. É isto que se experimenta, com delicadeza ou violência, humor ou obsessão, nas obras dos artistas contemporâneos aqui reunidos.

Como decorrência do sentido antropológico dos materiais empregados e da memória cultural dos gestos envolvidos em seu manuseio, despontam também associações aos usos do tecido em nossa vida cotidiana, especialmente aqueles que se empregam como segunda pele. Quanto mais a coreografia de cortes, dobras, costuras e afins converge para conformações de unidades coesas, mais ela compartilha critérios com as práticas de confecção de vestimentas. Quanto mais a legibilidade das cores, texturas e caimentos das substâncias assume seu caráter alusivo e afetivo, somado a eventuais marcas de uso, desgaste e contato com outros materiais, mais entram em cena as qualidades atávicas das memórias que associamos a roupas de cama, de casa e do corpo.

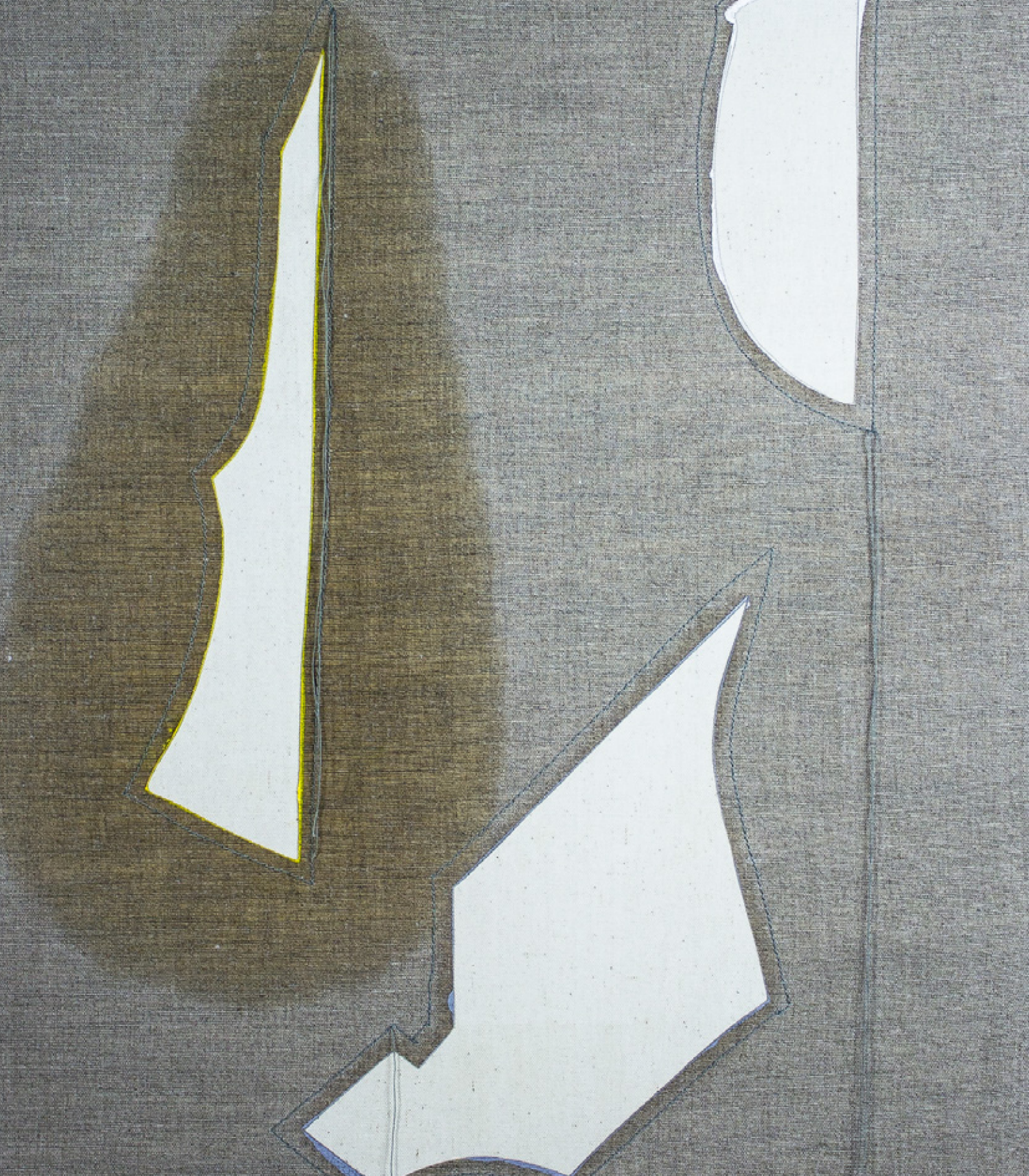
Na soma desses movimentos, Averso Viés conforma-se, por fim, como um exemplo de que a hierarquia entre procedimentos associados a ofícios, ofícios historicamente imbuídos de maior ou menor prestígio, está sempre em renegociação. Nada impede que, a cada gesto, a prática ordinária de desfiar uma trama ou emendar dois pedaços de pano carregue-se de tocante intensidade concentrada no que há de mais ínfimo. Ou que, da intempestiva marca do corte, religado ou não pela linha do zíper, descortine-se a consciência do momento presente – com toda sua ansiedade e privação de garantia de duração futura.

PAULO MIYADA





ANDRÉ AZEVEDO
DESMOLDES, 2108
ÓLEO SOBRE LINHO COSTURADO EM ALGODÃO CRÚ
OIL ON THE SIDE IN RAW COTTON
80 X 50 CM CADA EACH





FRANK AMMERLAAN
SITE-SPECIFIC MATTER, 2017
POEIRA, SUJEIRA, POEIRA DO MUSEU OSCAR NIEMEYER SOBRE LINHO E TELA
DUST, DIRT, OSCAR NIEMEYER MUSEUM DUST ON LINEN AND CANVAS
140 X 120 CM



FRANK AMMERLAAN

STRATUM, 2017

**POEIRA, SUJEIRA, PÓ DE METAL, MANCHAS DE FRUTAS, PARTÍCULAS DE METEORITO EM JUTA, SOBRE LINHO E TELA
DUST, DIRT, METAL POWDERS, BERRY STAINS, METAL POWDERS, METEORITE PARTICLES ON JUTE, LINEN AND CANVAS
175 X 140 CM**



JANINA MCQUOID
LOGO, 2017
TAPETE
RUG
210 X 160 CM



YULI YAMAGATA

CARACOL, 2018

LYCRA, TECIDO, BOTÃO, MADEIRA, FIBRA SILICONADA

LYCRA, FABRIC, BUTTON, WOOD, SILICONE FIBER

40 X 75 X 30 CM





DANIEL SENISE
SEM TÍTULO, 2001
MEDIUM ACRÍLICO E RESÍDUOS SOBRE TECIDO EM COLAGEM SOBRE MADEIRA
ACRYLIC MEDIA AND LEAVINGS ON CANVAS ON ALUMINUM
215 X 215 CM



MARINA WEFFORT
SEM TÍTULO, 2018
TECIDO E ALFINETES
FABRIC AND PINS
150 X 300 X 3 CM



MARINA WEFFORT
SEM TÍTULO, 2018
TECIDO E ALFINETES
FABRIC AND PINS
102 X 97 X 3 CM





JARBAS LOPES

DESENHO ELÁSTICO, 2014

ELÁSTICO TRAMADO, TINTA ACRÍLICA E OBJETOS DIVERSOS

WOVEN ELASTIC, ACRYLIC AND VARIOUS OBJECTS

75 X 55 CM

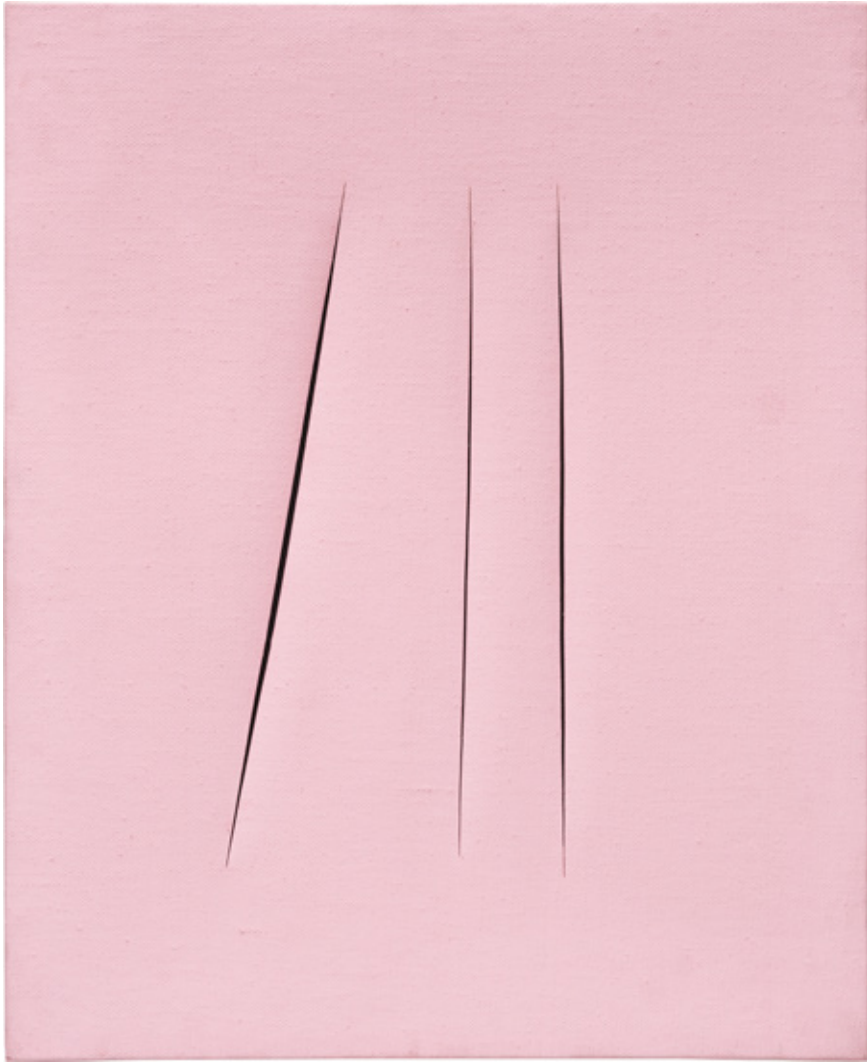


NELSON LEIRNER
EU E FONTANA, 1999
LONA E ZÍPER
CANVAS AND ZIPPER
188 X 127 CM



JÉSSICA MEIN
DESBORDE NOVE, 2017
CÂNHAMO E GRAFITE
HEMP AND GRAPHITE
125 X 21,5 X 18,5 CM





LUCIO FONTANA
CONCETTO SPAZIALE, ATTESA, 1965-1966
ÓLEO SOBRE TELA
OIL ON CANVAS
60 X 40 CM





TONICO LEMOS AUAD
PAISAGEM NOTURNA / CHUVA, 2013
BORDADO SOBRE LINHO
EMBROIDERED ON LINEN
170 X 127 X 5 CM



YULI YAMAGATA

TRÓFÉU, 2017

LYCRA, ESPUMA, FERRO, MADEIRA, TECIDO ESTAMPADO

LYCRA, FOAM, IRON, WOOD, PRINTED FABRIC

65 X 120 X 700 CM



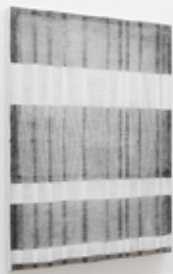
DANIEL ALBUQUERQUE
Suplicante, 2013
BORDADO
EMBROIDERY
5 CM



DANIEL ALBUQUERQUE
LÍNGUA, 2013
BORDADO
EMBROIDERY
5 CM



JÉSSICA MEIN
DESBORDE CINCO, 2017
CÂNHAMO E GRAFITE
HEMP AND GRAPHITE
94 X 64 CM



REVERSE VIÉS

The texture and the perception of time passing goes beyond the spread of allegories, myths and metaphors that intersperse them. The relation between weft and warp workings with analogies to count time is intrinsic to our own history. Civilizations had in the creation of weaving an important step in their maturing comprehension of duration as an articulation between, on one hand, the units of constant time (weft) and, on the other, the discontinuous carriers of happenings (warp).

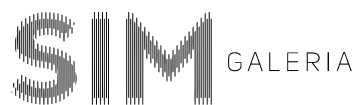
The strength of this ancestral symbolic relation between texture and time is such that to this day it is in effect, even after so many technical and technological transformations. That which makes this idea more complex, however, is the relation that the contemporary society has with its own understanding of duration. We have serious issues with the passing of time: it brings angst to generations addicted to instant gratification (reached through consumerism and social approval). The extent of time has become so problematic that it cannot even be left aside as a secondary matter.

Artists that currently work with textiles in its many varied possibilities have in their hands, therefore, a material whose substance, time itself, is as much a source of fascination as of defamiliarization. For this exhibit the artists chosen encompass a range of flexible materials, either natural or synthetic, and impose on them gestures of sudden actualization of their presence as object and as sign: to cut, stain, twist, shred, fray, turn inside out. As Lúcio Fontana has found out when attacking the surface of his painting, all it takes is a rip for the material to cease being only a medium and claim its thickness, even if minimal. As any seamstress or tailor know, all it takes is an oblique cut in an orthogonal lattice of some fabric to break with its regularity, producing a piece of fabric called in Portuguese “viés” – the bias – that is, the same material resulting from the extension of its interspersing can have its properties so profoundly changed by a diagonal cut that it is worth being renamed. Thus, all it takes is a gesture for a long duration to transform into a present instant. That is what is experimented, gently or violently, with humor or obsession, in the work of the contemporary artists here gathered.

From the anthropological meaning in the materials used and from the cultural memory of the gestures performed in its handling, associations with the everyday use of these materials are set off, especially those worn as a second skin. The more the choreography of cutting, folding, hems and such converge to coherent conformities, the more it shares criteria with clothes-making practices. The more readability in the colors, textures and fittings of the materials claim alusiveness and affect, added to possible wear signs, fraying and contact with other materials, the more the inborn qualities associated with bed, home and body linen present themselves.

Amidst the coming together of these movements, Reverse Viés aligns itself, at last, as an example of how the hierarchy between procedures linked to trades, trades historically imbued with more or less prestige, are always in renegotiation. Nothing obstructs, in every gesture, the common practice of unraveling some lattice or amending two pieces of cloth and they becoming charged of touching intensity concentrated in what there is of utmost littleness. Or that, from the thunderous imprint of the cutting, brought back or not by the line of the zipper, unfolds the awareness of the present time – with all its intensity and its depriving of any guarantee of future duration.

PAULO MIYADA



CURITIBA

AL. PRESIDENTE TAUNAY 130 A
80420-180 | CURITIBA | BRASIL
+55 41 3322-1818

SÃO PAULO

RUA SARANDI 113 A
01414-010 | SÃO PAULO | BRASIL
+55 11 3062-8980

INFO@SIMGALERIA.COM
SIMGALERIA.COM